

O problema do conceito em Nietzsche: uma perspectiva estética

*The question of the concept in Nietzsche:
an aesthetic perspective*

Felipe Szyszka Karasek*

RESUMO: O objetivo desse estudo é apresentar que a contraposição entre a arte trágica e a racionalidade conceitual pode possuir dois sentidos principais para Nietzsche. O primeiro é a subordinação do poeta ao teórico, ao pensador racional, assim como a classificação da tragédia como irracional, através do socratismo estético. O segundo sentido estaria focado na exaltação da tragédia como uma atividade que proporciona o acesso às questões fundamentais da existência, fundamentando-se como um antídoto à racionalidade conceitual. Na interpretação nietzschiana, o socratismo pode ser entendido como uma metafísica racional, mas incapaz de expressar o mundo em sua tragicidade, pela prevalência que concede à existência de uma verdade em detrimento da ilusão, ou ainda pela oposição que estabelece entre a essência e a aparência. A denúncia de Nietzsche está fundamentada no sentido de que na arte a experiência da verdade pode se encontrar ligada ao conceito de beleza, que é uma ilusão, uma aparência, uma subjetividade, enquanto que a metafísica socrática racional afirma a crença na virtude do saber.

PALAVRAS-CHAVE: Conceito. Estética. Perspectiva. Socratismo. Nietzsche.

ABSTRACT: The aim of this study is to present that the contrast between tragic art and conceptual rationality can possess two major meanings for Nietzsche. The first is the poet's subordination to the theory, the rational thinker, as well as the classification of the tragedy as irrational, through the Socratic aesthetic. The second meaning would be focused on the exaltation of tragedy as an activity that provides access to fundamental questions of existence, basing itself as an antidote to the conceptual rationality. The Nietzschean interpretation considers that Socratism can be understood as a rational metaphysics, however unable to express the world in its tragedy, since it grants prevalence to the existence of a truth rather than illusion, or laying by the opposition between essence and appearance. Nietzsche's complaint is built upon the idea that the experience of truth in art may be connected to the concept of beauty, which is an illusion, an appearance, a subjectivity, whilst the Socratic rational metaphysics affirms the belief in knowledge as a virtue.

KEYWORDS: Concept. Aesthetic. Perspective. Socratism. Nietzsche.

Em sua juventude, Nietzsche encontra na tragédia grega um tema de estudo no qual pode aplicar a sua vontade de análise filosófica, aliada à metodologia do estudo filológico a que está vinculado. Neste sentido, por uma questão profundamente pessoal¹, o filósofo direciona o seu pensamento inicial ao problema dos gregos, à origem da tragédia e a Sócrates. Desenvolve suas

* Mestrando em Filosofia - PUCRS - Bolsista CNPq - Contato: felipe.karasek@gmail.com

¹ NIETZSCHE, F. *O Nascimento da Tragédia*. Tradução de J. Guinsburg. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, §1, pág. 13.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.90-99
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	---------

intenções em conferências, preleções e textos² até escrever *O nascimento da tragédia*, que publica para justificar a cátedra na Universidade de Basileia sem doutoramento ou concurso.

Nesta obra, especificamente sobre a questão de Sócrates, Nietzsche apresenta uma crítica da racionalidade socrática instaurada na filosofia e defende o pensamento da arte trágica, expressão das pulsões artísticas dionisíaca e apolínea como uma alternativa à esta racionalidade conceitual. Neste sentido, a estética racionalista socrática introduz pela primeira vez na arte a lógica, a teoria, o conceito, ou seja, a medida de que a criação artística deve derivar de uma postura crítica exposta a partir de uma racionalidade conceitual. Desta maneira, subordinando a perspectiva do belo à razão, no sentido em que todo o princípio criativo instintivo não teria valor para Sócrates, ou seja, aquilo que não pode ser explicado conceitualmente desvaloriza o poeta trágico por não ter consciência do que faz e por não apresentar claramente o seu saber³.

A partir desta perspectiva, a contraposição entre a arte trágica e a racionalidade conceitual pode possuir dois sentidos principais. O primeiro é a subordinação do poeta ao teórico, ao pensador racional, assim como a classificação da tragédia como irracional, através do socratismo estético. O segundo sentido estaria focado na exaltação da tragédia como uma atividade que proporciona o acesso às questões fundamentais da existência, fundamentando-se como um antídoto à racionalidade conceitual. Desta maneira, o socratismo poderia ser entendido como uma metafísica racional, mas incapaz de expressar o mundo em sua tragicidade, pela prevalência que concede à existência de uma verdade em detrimento da ilusão, ou ainda pela oposição que estabelece entre a essência e a aparência. A denúncia de Nietzsche está fundamentada no sentido de que na arte a experiência da verdade pode se encontrar ligada ao conceito de beleza, que é uma ilusão, uma aparência, uma subjetividade, enquanto que a metafísica socrática racional afirma a crença na virtude do saber.

Dezesseis anos após a publicação de *O nascimento da tragédia*, em meados de agosto de 1886, Nietzsche redige outros prefácios para quase todos os seus livros anteriores, além de uma relevante “Tentativa de autocrítica” para obra citada. Um dos objetivos desta autocrítica é ressaltar a importância e a novidade de um dos problemas abordado pelo livro: a racionalidade científico-filosófica vista, pela primeira vez, como uma suspeita, por uma análise realizada na ótica da arte trágica⁴ e “o problema da ciência mesma – a ciência entendida pela primeira vez como problemática, como questionável”⁵. Neste sentido, para compreendermos a ousadia desta afirmação do filósofo alemão é necessário um aprofundamento sobre o significado de *razão* para Nietzsche nesta época. Em

² Alguns textos e preleções de Nietzsche deram origem a *O nascimento da tragédia: O drama musical grego, Sócrates e a tragédia* e *A visão dionisíaca do mundo*.

³ CAVALCANTI, A. H. *Símbolo e Alegoria, a gênese da concepção da linguagem em Nietzsche*. 1º ed. São Paulo: Annablume, FAPESP. Rio de Janeiro: DAAD, 2005, pág. 254.

⁴ MACHADO, R. *Zaratustra, tragédia nietzschiana*. 3º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, pág. 15.

⁵ NIETZSCHE, F. *O Nascimento da Tragédia*. Tradução de J. Guinsburg. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, §2, pág. 15.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.90-99
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	---------

seu texto *A filosofia na idade trágica dos gregos*, no capítulo dedicado a Heráclito, o filósofo apresenta em algumas linhas uma perspectiva sobre seu entendimento deste conceito:

O dom real de Heráclito é a sua faculdade sublime de representação intuitiva; ao passo que se mostra frio, insensível e hostil para com o outro modo de representação que se efetiva em conceitos e combinações lógicas, portanto, para a razão, e parece ter prazer em poder contradizê-la com alguma verdade alcançada por intuição⁶.

Encontramos uma similaridade deste texto de Nietzsche com o conteúdo descrito pelo autor em sua “Tentativa de autocrítica”, quando afirma que o objetivo principal de *O nascimento da tragédia* é a sua suspeita sobre a serenojovialidade⁷ dos gregos. A partir da interpretação do mito do Sileno⁸, Nietzsche lança-se em uma investigação sobre o problema dos gregos e afirma que a arte e a tragédia grega surgiram como uma transfiguração diante do horror e do pessimismo provocado pela percepção da finitude do homem e, além disso, que esta superação foi encontrada intuitivamente. Para Nietzsche, com esta tese “adivinha-se em que lugar era colocado o grande ponto de interrogação sobre o valor da existência”⁹.

Ao mesmo tempo em que Nietzsche apresenta neste livro a sua tese sobre o surgimento da arte grega, o filósofo também descreve os motivos pelos quais a tragédia grega entra em decadência, apontando principalmente como motivo a racionalidade socrática¹⁰. Neste sentido, Nietzsche denuncia a condenação de Sócrates aos artistas e a tudo aquilo que era realizado por instinto, a sua influência nas tragédias de Eurípedes, o socratismo da moral, a dialética, a suficiência e a serenojovialidade do homem teórico. O instinto artístico transfigurador da realidade seria substituído pelo encadeamento de combinações lógicas para a arte, para a tragédia, para a moral, para a filosofia e para a vida do povo grego.

⁶ NIETZSCHE, F. *A filosofia na era trágica dos gregos*. Tradução de Fernando de Moraes Barros. 1º ed. São Paulo: Hedra, 2008, pág. 67.

⁷ *Heiterkeit*: clareza, pureza, serenidade, jovialidade, alegria, hilaridade, conforme J. Guinsburg esclarece, são as várias acepções em que a palavra é empregada no alemão. Quando se trata da *griechische Heiterkeit*, a tradução mais freqüente tem sido “serenidade grega”. Entretanto, a versão parece insuficiente e redutora por suprimir as demais remessas do termo. Por isso optou-se por um acoplamento de dois sentidos principais, utilizando-se sempre, nesta transposição do texto de Nietzsche, a forma “serenojovial”, “serenojovialidade” (Cf. Notas do Tradutor, em: NIETZSCHE, F. *O Nascimento da Tragédia*. Tradução de J. Guinsburg. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, pág. 145).

⁸ “Em uma antiga lenda grega, o rei Midas perseguiu na floresta, durante longo tempo, sem conseguir capturá-lo, o sábio Sileno, preceptor de Dioniso. Quando, por fim, ele veio a cair em suas mãos, perguntou-lhe o rei qual dentre as coisas era a melhor e a preferível para o homem. Obstinado e imóvel, o demônio calava-se; até que, forçado pelo rei, prorrompeu finalmente, por entre um riso amarelo, nestas palavras: “- Estirpe miserável e efêmera, filhos do acaso e do tormento! Por que me obrigas a dizer-te o que seria para ti mais salutar não ouvir? O melhor de tudo é para ti inteiramente inatingível: não ter nascido, não *ser, nada ser*. Depois disso, porém, o melhor para ti é logo morrer”. (NIETZSCHE, F. *O Nascimento da Tragédia*. Tradução de J. Guinsburg. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, §3, pág. 36). Esta interpretação de Nietzsche será abordada com mais atenção no próximo capítulo deste estudo.

⁹ NIETZSCHE, F. *O Nascimento da Tragédia*. Tradução de J. Guinsburg. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, §1, pág. 14.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.90-99
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	---------

O socratismo é entendido como um utilitarismo prático e teórico, de fadiga fisiológica¹¹, dominante nos tempos em que o maior exemplo da arte grega, a tragédia grega, entra em decadência sob a influência de Sócrates na tragédia euripídiana, na qual o herói não sucumbe mais pelo *pathos* do destino, e sim por sua culpa¹² em algo determinado, por uma rede de intrigas. Nietzsche também suspeita da motivação socrática quando afirma: “(...) cientificidade talvez apenas um temor e ante o pessimismo? Uma sutil legítima defesa contra – a verdade? Ó Sócrates, foi este porventura o teu segredo? Ironista misterioso, foi esta, porventura, a tua – ironia?”¹³.

Em *O nascimento da tragédia*, Nietzsche ainda afirma que o socratismo exerceu grande influência na formação da moralidade do ocidente e, dentre outros fatores, na escrita filosófica e na forma de *dizer* filosofia. Mesmo assim, Nietzsche irá considerar este livro “contrário à juventude”¹⁴, bizarro, impossível, “sem vontade de limpeza lógica”¹⁵, por duas razões principais, a saber, sobre o conteúdo e sobre a forma de expressão e estilo. Quanto ao conteúdo, Nietzsche lamentará ter estragado a análise do problema grego por ter ligado-o a Wagner e a Schopenhauer, inspiradores de seus primeiros escritos. Sobre este apontamento, não iremos entrar em detalhes neste estudo, focando a análise na autocrítica nietzschiana sobre a forma de expressão e estilo.

Sobre este aspecto da autocrítica, o filósofo alemão afirmará uma incompatibilidade entre o conteúdo principal de *O nascimento da tragédia*, a decadência do trágico pelo socratismo, e a expressão da denúncia, ou seja, a linguagem em que ela foi formulada. Nietzsche lamenta que tenha abordado o problema da arte trágica utilizando uma linguagem sistemática e conceitual, contradizendo a “nova alma” que já era sua naquele momento, sobre a qual ele afirma:

(...) uma espécie de alma mística e quase menádica, que, de maneira arbitrária e com esforço, quase indecisa sobre se queria comunicar-se ou esconder-se, como que balbuciava em uma língua estranha. Ela devia cantar, essa “nova alma” – e não falar! É pena que eu não me atrevesse a dizer como poeta aquilo que tinha então a dizer: talvez eu pudesse fazê-lo! (...) ¹⁶.

Neste sentido, a contradição percebida pelo filósofo alemão na sua autocrítica estaria centrada na seguinte análise: ao pretender demonstrar conceitualmente as suas teses, não estaria do ponto de

¹⁰ Também denominada por Nietzsche de socratismo ou cientificidade socrática (NIETZSCHE, F. *O Nascimento da Tragédia*. Tradução de J. Guinsburg. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, §1, pág. 14).

¹¹ NIETZSCHE, F. *O Nascimento da Tragédia*. Tradução de J. Guinsburg. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, §4, pág. 18.

¹² Em alemão *Schuld*, que também pode significar “dívida”, somando à perspectiva filosófica que Nietzsche desejava apresentar.

¹³ NIETZSCHE, F. *O Nascimento da Tragédia*. Tradução de J. Guinsburg. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, §1, pág. 14.

¹⁴ NIETZSCHE, F. *O Nascimento da Tragédia*. Tradução de J. Guinsburg. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, §2, pág. 15.

¹⁵ NIETZSCHE, F. *O Nascimento da Tragédia*. Tradução de J. Guinsburg. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, §3, pág. 16.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.90-99
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	---------

vista da forma de expressão mais próximo da racionalidade socrática do que da poesia trágica, mesmo que tivesse a intenção de se posicionar ao lado desta última? Qual a validade de uma crítica total da razão feita a partir da própria razão? Que sentido poderá ter apelar para a razão contra a razão?¹⁷. Segundo o filósofo, “o problema da ciência não pode ser reconhecido no terreno da ciência”¹⁸.

Se Sócrates é “o protótipo do otimista teórico que, na já assinalada fé na escrutabilidade da natureza das coisas, atribui ao saber e ao conhecimento a força de uma medicina universal e percebe no erro o mal em si mesmo”¹⁹, a dialética socrática acredita que o pensamento pode conhecer o ser em toda a sua profundidade e corrigi-lo, curando a ferida da existência e superando a tragédia humana frente às *Moiras*²⁰.

(...) Penetrar nessas razões e separar da aparência e do erro o verdadeiro conhecimento, isso pareceu ser ao homem socrático a mais nobre e mesmo a única ocupação autenticamente humana: tal como aquele mecanismo dos conceitos, juízos e deduções foi considerado, desde Sócrates, como a atividade suprema e o admirável dom da natureza, superior a todas as outras aptidões.²¹

Para Nietzsche, somente a experiência trágica, com sua música e seu mito, é capaz de justificar a experiência do ser humano no mundo, transfigurando-o. Com esta afirmação, atingimos o âmago dessa problemática denunciada por Nietzsche relativa à perspectiva da forma de expressão, a contradição e antagonismo entre o conceito e a palavra ou canto poético. Para o filósofo, a perspectiva de beleza da arte grega reside em ela não estar impregnada de conceito. Neste sentido, a percepção do saber trágico não ser e nem poder ser expressado conceitualmente, ou seja, exposto e comprovado logicamente, o fez ser negado pelo saber racional. Esta negação do trágico, para Nietzsche, está relacionada com a negação da música, já que para o filósofo a tragédia morre quando a música é retirada do teatro grego e este se torna apenas uma apresentação de conceitos de encadeamentos lógicos. O herói não sucumbe mais pelas forças do destino, e sim por uma rede de intrigas no qual ele pagará por sua culpa.

Neste período da reflexão filosófica nietzschiana, “o conceito é uma palavra enfraquecida pela distância em que se encontra da expressividade musical do trágico e o canto é o que eleva a palavra ao ápice de sua musicalidade, fazendo-a encontrar ou reencontrar a sua força originária”²². Além disso,

¹⁶ NIETZSCHE, F. *O Nascimento da Tragédia*. Tradução de J. Guinsburg. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, §3, pág. 16.

¹⁷ MACHADO, R. *Zaratustra, tragédia nietzschiana*. 3º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, pág. 17.

¹⁸ NIETZSCHE, F. *O Nascimento da Tragédia*. Tradução de J. Guinsburg. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, §2, pág. 15.

¹⁹ NIETZSCHE, F. *O Nascimento da Tragédia*. Tradução de J. Guinsburg. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, §15, pág. 94.

²⁰ Na mitologia grega, as *Moiras* (Μοῖραι) eram as irmãs que determinavam o destino.

²¹ NIETZSCHE, F. *O Nascimento da Tragédia*. Tradução de J. Guinsburg. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, §15, pág. 95.

²² SUAREZ, R. *Linguagem e Arte nos primeiros escritos de Nietzsche*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado, UFRJ, 1991.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.90-99
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	---------

Nietzsche teria um terceiro e um quarto objetivo com a publicação de *O nascimento da tragédia*, sem os quais o livro não pode ser totalmente compreendido: a denúncia do mundo moderno como uma civilização constituída a partir do modelo socrático e a tentativa de descortinar o renascimento da tragédia ou da visão trágica do mundo em algumas manifestações culturais da modernidade. Qual a condição para que se dê o retorno ou o renascimento da tragédia? Nietzsche o enuncia claramente:

Se a tragédia antiga foi obrigada a sair do trilho pelo impulso dialético para o saber e o otimismo da ciência, é mister deduzir deste fato uma luta eterna entre a *consideração teórica* e a *consideração trágica do mundo*; e, só depois de conduzido a seu limite o espírito da ciência e aniquilada a sua pretensão de validade universal mediante a comprovação desses limites, dever-se-ia nutrir esperança de um renascimento da tragédia.²³

Nietzsche encontra nos exemplos de Goethe, Schiller e Winckelmann²⁴ uma tentativa de colocação do homem moderno na escola dos gregos para aprender a importância da música e do mito trágico, que têm o dionisíaco como matriz comum, e encontra os presságios do despertar progressivo do espírito dionisíaco na música e na filosofia. Por um lado, a música de Beethoven e, principalmente, Richard Wagner, o motivador e inspirador das análises de Nietzsche, a quem o livro é dedicado e que é celebrado, nesse momento, como um precursor na defesa de que a arte é a tarefa suprema e atividade propriamente metafísica da vida²⁵. Por outro lado, as filosofias de Kant e Schopenhauer, que teriam brotado das mesmas fontes dionisíacas que a música e aniquilado o socratismo científico e seu prazer satisfeito da existência, evidenciando seus limites e introduzindo “uma concepção infinitamente mais séria e profunda das questões da ética e da arte – que não hesitarei em definir como uma *sabedoria dionisíaca* exposta em conceitos”²⁶.

Para o pensamento de Nietzsche, no início dos anos 70, a questão kantiana dos limites do conhecimento aparece como a condição do renascimento da tragédia por invalidar a pretensão do espírito científico socrático de penetrar, seguindo as leis da causalidade, na essência das coisas, separando a perspectiva de verdade da aparência. Se Kant e Schopenhauer conseguiram a mais difícil das vitórias sobre o otimismo socrático foi porque, para Nietzsche, demonstraram que as leis do espaço, do tempo e da causalidade, em vez de serem incondicionadas e possuírem validade universal, só serviam para erigir o fenômeno em única realidade, colocando-o no lugar da essência das coisas²⁷.

A tentativa de autocrítica de Nietzsche sobre o seu primeiro livro fundamenta-se na percepção do filósofo de sua própria contradição, ao abordar a crítica da racionalidade conceitual socrática

²³ NIETZSCHE, F. *O Nascimento da Tragédia*. Tradução de J. Guinsburg. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, §17, pág. 104.

²⁴ NIETZSCHE, F. *O Nascimento da Tragédia*. Tradução de J. Guinsburg. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, §20, pág. 120.

²⁵ MACHADO, R. *Zaratustra, tragédia nietzschiana*. 3º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, pág. 14.

²⁶ NIETZSCHE, F. *O Nascimento da Tragédia*. Tradução de J. Guinsburg. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, §19, pág. 112.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.90-99
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	---------

utilizando também o conceito lógico. A partir desta constatação, o filósofo alemão lamenta ter estragado o problema dos gregos e da arte trágica, supondo que se a sua intenção era demonstrar a supremacia da linguagem poética ou ditirâmbica sobre o socratismo, ele não poderia ter utilizado a mesma metodologia socrática. Essa dificuldade acompanhará Nietzsche até a publicação de *Assim falou Zaratustra*.

Se Nietzsche considera *O nascimento da tragédia* “um livro talvez para artistas dotados de capacidades analíticas e retrospectivas”²⁸, as suas dúvidas apresentadas na “Tentativa de autocrítica” revelam a preocupação do filósofo sobre a dificuldade de dizer filosófico, no seu caso, que revele a sua postura trágica, expressada em uma linguagem adequada para a sua visão de mundo, ou seja, uma linguagem artística e figurada. Mas esta dificuldade não parece intransponível para Nietzsche, que em 1885, um ano antes, havia concluído *Assim falou Zaratustra*. Sobre esta obra, o filósofo ressalta fazer parte de sua filosofia afirmativa, ou seja, a obra na qual foi atingida a sua tentativa de dizer filosófico, “o *Zaratustra* inteiro como música”²⁹, “a linguagem do *ditirambo*”³⁰, o livro que traz “o canto que, em 1886, ele lamentou não ter cantado com seu primeiro livro”³¹. Desta maneira, o *Zaratustra* de Nietzsche é a tentativa do filósofo de evitar a contradição que no seu entender é lutar contra a razão através de uma forma de pensamento submetida à razão. Neste sentido, seguindo o entendimento artístico para levar a filosofia além ou aquém da racionalidade conceitual socrática.

Não é por acaso que a “Tentativa de autocrítica” se encerra com um trecho de *Assim falou Zaratustra*, sobre a alegria trágica, logo depois do personagem central ser chamado de “demônio dionisíaco”³².

(...) para dizê-lo com a linguagem daquele trasgo³³ dionisíaco, que se chama Zaratustra: “Levantai vossos corações, ó meus irmãos, alto, mais alto! E não esquecerei tampouco as pernas! Levantai também as vossas pernas, vós, bons dançarinos, e melhor ainda: erguei-vos também sobre a cabeça!”³⁴

A tentativa de linguagem e estilo proposta por Nietzsche para o *Zaratustra* justifica-se em sua proposta de fazer a forma de expressão artística criar a temática filosófica trágica. Esta singularidade de estilo do *Zaratustra* se manifesta pelo deslocamento de uma linguagem conceitual a uma linguagem artística, ou, mais precisamente, a uma linguagem poética, e pelo deslocamento de uma linguagem

²⁷ MACHADO, R. *Zaratustra, tragédia nietzschiana*. 3º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, pág. 15.

²⁸ NIETZSCHE, F. *O Nascimento da Tragédia*. Tradução de J. Guinsburg. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, §2, pág. 14.

²⁹ NIETZSCHE, F. *Ecce Homo*. Tradução de Paulo César de Souza. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, pág. 82.

³⁰ NIETZSCHE, F. *Ecce Homo*. Tradução de Paulo César de Souza. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, pág. 90.

³¹ MACHADO, R. *Zaratustra, tragédia nietzschiana*. 3º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, pág. 18.

³² MACHADO, R. *Zaratustra, tragédia nietzschiana*. 3º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, pág. 18.

³³ Espécie mitológica de demônio, diabrete, que prega peças e produz aborrecimentos.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.90-99
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	---------

sistemática, argumentativa, que propõe uma teoria, característica da filosofia em quase sua totalidade, a uma linguagem construída de forma narrativa e dramática³⁵.

Em *Assim falou Zaratustra*, a dicotomia entre arte e filosofia que Nietzsche denunciou em *O nascimento da tragédia*, - com a crítica ao socratismo, e denunciará na “Tentativa de autocrítica” como estando presente no estilo conceitual de seu primeiro livro -, é agora neutralizada pela tentativa de fazer da poesia ditirâmbica um meio de apresentação de um pensamento filosófico não conceitual e não demonstrativo, um pensamento emancipado da metafísica socrática, para aqueles que admiram a potência do que Nietzsche denomina “grande estilo”³⁶.

A vós, intrépidos buscadores e tentadores de mundos por descobrir, e quem quer que algum dia, com astuciosas velas, se embarque para mares temerosos. A vós, os ébrios de enigmas, os amigos do lusco-fusco, cuja alma é atraída com flautas para todo o engano sorvedouro, - pois não quereis, apalpando-o com mão covarde, seguir um fio que vos guie e, onde podeis adivinhar, detestas inferir (...)”³⁷.

Quando Nietzsche refere-se ao elemento da construção da narrativa, refere-se à palavra poética, já que afirma que *Zaratustra* também é um poeta³⁸. Ao escrever *Assim falou Zaratustra*, o objetivo de Nietzsche não é a renovação ou a modificação dos conceitos da filosofia, mas da perspectiva da forma de expressão. Sua intenção é libertar a palavra da universalidade do conceito, constituindo um pensamento filosófico através da palavra poética, mais do que nas suas outras obras, através do uso do aforismo, do fragmento e do ensaio³⁹.

Ao falarmos da filosofia de Nietzsche, diversas vezes utilizamos o termo perspectiva. Para o filósofo, não existem verdades absolutas e referenciais únicos, existem somente perspectivas. O que existe é um perspectivismo que permite propor uma verdade ficcional e o homem como um criador ficcional de conceitos interpretativos. O conhecimento ficaria na esfera de uma interpretação, o que significa ser impossível pensar fora do perspectivismo interpretativo, do acontecer, do trágico.

No que concerne ao perspectivismo nietzschiano, as dificuldades da concepção metafísica da verdade não podem ser eliminadas por uma simples modificação em nível do conceito de verdade. Na concepção de Nietzsche, melhor seria considerar verdade como nome para um produzir nos processos de interpretação. Com estes processos, não se chega a um fim definitivo e universalmente válido.

³⁴ NIETZSCHE, F. *O Nascimento da Tragédia*. Tradução de J. Guinsburg. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, §7, pág. 23.

³⁵ MACHADO, R. *Zaratustra, tragédia nietzschiana*. 3º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, pág. 18-19.

³⁶ NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra*. Tradução de Mário da Silva. 16º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, pág. 191.

³⁷ NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra*. Tradução de Mário da Silva. 16º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, pág. 191.

³⁸ NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra*. Tradução de Mário da Silva. 16º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, pág. 159.

³⁹ JANZ, C. P. *Friedrich Nietzsche: los diez años del filósofo errante*. Tradução de Jacobo Muñoz e Isidoro Reguera. 1º ed. Madrid: Alianza Editorial, 1985, pág. 66.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.90-99
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	---------

Neles nasce verdade, que ao mesmo tempo também serve para a classificação de teses (juízos, idéias) como verdadeiras ou falsas. Neste sentido, pode-se apreender verdade enquanto interpretação.

Nos processos de interpretação, portanto, não se trata mais, em primeiro lugar, de descobrir uma verdade pronta e pré-existente. Não é mais a interpretação que depende da verdade, e sim a verdade é que depende da interpretação. Isto, contudo, não significa nem que a questão da verdade se torne obsoleta nem que ela desapareça no conceito de interpretação. Pois fazemos a diferenciação entre verdadeiro e falso e, evidentemente, também a entendemos. Trata-se, pois, não de destruição, mas de re-concepção do sentido de verdade. E esta re-concepção pode se dar sobre a base dos mais abrangentes e basilares processos da interpretação⁴⁰.

Nietzsche utiliza-se da palavra perspectiva para evitar o fechamento, evitar um conceito regulador que esconde o desejo de simplificação, de dominação anulando a singularidade do diferente e reduzindo a complexidade do mundo e do conhecimento. Mas mesmo assim, Nietzsche não deixa de usar o conceito, mas não o usa como moralizador, como regularizador, como eterno e universal, mas como perspectiva, da mesma forma como concebe a idéia do sujeito. Ou seja, não deixa de valer-se do conceito, da idéia de sujeito, como também não o usa como regulado pelo ideal eterno, bem e mal eternos, o que lhes possibilita refletir com as contingências dos acontecimentos, com a moral do perspectivismo como o próprio valor, com o provisório, com o transitório.

Referências

- ABEL, G. *Verdade e Interpretação*. Porto Alegre: Revista de Filosofia Vértices, PUCRS, vol. 47, 2002.
- BURKERT, W. *Antigos Cultos de Mistério*. Tradução de Denise Bottman. 1º ed. São Paulo: Edusp, 1991.
- CAVALCANTI, A. H. *Símbolo e Alegoria, a gênese da concepção da linguagem em Nietzsche*. 1º ed. São Paulo: Annablume, FAPESP. Rio de Janeiro: DAAD, 2005.
- JANZ, C. P. *Friedrich Nietzsche: los diez años del filósofo errante*. Tradução de Jacobo Muñoz e Isidoro Reguera. 1º ed. Madrid: Alianza Editorial, 1985.
- MACHADO, R. *Nietzsche e a Verdade*. 2º ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- MACHADO, R. *Zaratustra, tragédia nietzschiana*. 3º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- NIETZSCHE, F. *A filosofia na era trágica dos gregos*. Tradução de Fernando de Moraes Barros. 1º ed. São Paulo: Hedra, 2008.
- NIETZSCHE, F. *A Visão Dionisíaca do Mundo e outros textos da juventude*. Tradução de Marcos Sinésio Pereira Fernandes, Maria Cristina dos Santos de Souza; revisão da tradução Marco Casanova. 1º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra*. Tradução de Mário da Silva. 16º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- NIETZSCHE, F. *Ditirambos de Díónisos*. 1º ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1993.
- NIETZSCHE, F. *Early Greek Philosophy & other essays: complete works*. Edited by Dr. Oscar Levy. New York: The MacMillan Company, 1911.
- NIETZSCHE, F. *Ecce Homo*. Tradução de Paulo César de Souza. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

⁴⁰ ABEL, G. *Verdade e Interpretação*. Porto Alegre: Revista de Filosofia Vértices, PUCRS, vol. 47, 2002, pág.41.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.90-99
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	---------

- NIETZSCHE, F. *Introdução à tragédia de Sófocles*. Tradução de Ernani Chaves. 1º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- NIETZSCHE, F. *O Crepúsculo dos Ídolos*. Tradução de Paulo César de Souza. 3º reimpressão. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.
- NIETZSCHE, F. *O Nascimento da Tragédia*. Tradução de J. Guinsburg. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992
- NIETZSCHE, F. *Obras incompletas*. Coleção Os Pensadores. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. 1º ed. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- SAFRANSKI, R. *Nietzsche, biografia de uma tragédia*. Tradução de Lya Luft. 2º ed. São Paulo: Geração Editorial, 2005.
- SUAREZ, R. *Linguagem e Arte nos primeiros escritos de Nietzsche*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado, UFRJ, 1991.

Trabalho recebido em 20/07/2010. Aceito para publicação em 01/10/2010.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol. 3 – Nº 2	Novembro 2010	p.90-99
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	---------